NAS TRAMAS DA TEIA, A SURPRESA DAS NOTAS

Alexandre da Silva Zanella¹

Vanise Medeiros²

RESUMO: Com este artigo, tomamos como objeto de reflexão o livro *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig, de 1976. Tal romance porta oito longas notas ao pé de rodapé que dão a saber da homossexualidade. Traçando várias referências – do discurso psicanalítico, médico, religioso, sociológico, antropológico, entre outras – as notas, neste romance estruturado como um diálogo, se fazem sobre falas e sobre silêncio. Em nosso gesto de análise, de base discursiva, perseguimos o batimento entre narrativa e notas de rodapé. O romance delas não abre mão: elas não são nem apêndices nem excesso. Fazem parte da narrativa no jogo ilusório de um discurso-outro à parte. Pontuam a narrativa, põem em suspensão dizeres sobre a (homo)sexualidade e fazem retornar ao texto de um outro lugar. São notas que denunciam, desestabilizam, resistem; interpelam e subvertem. São notas que abrem veredas que tentamos seguir.

Palavras-chave: notas de rodapé; homossexualidade; *O beijo da mulher aranha*; Análise de Discurso.

ABSTRACT: With this paper, we take as object the book *Kiss of the Spider Woman*, written by Manuel Puig in 1976. This novel presents eight long footnotes that tell of the homosexuality. By bringing several references – from psychoanalytical, medical, religious, sociological, anthropological discourses, among others – the footnotes, in this novel which is structured as a dialog, are built on speech and on silence. In our discursive-based analytical gesture we follow the clash between narrative and footnotes. The novel does not waive them: they are neither appendices nor excess. They are part of the narrative in the illusory game of another discourse aside. They punctuate the narrative, put on hold enunciations about (homo)sexuality and make us return to the text from another place. They are footnotes that denounce, destabilize, resist; interpellate and subvert. They are footnotes that open paths we try to follow.

Keywords: footnotes; homosexuality; *Kiss of the Spider Woman*; Discourse Analysis.

– *E posso te tocar assim?*

(Manuel Puig)

¹ Doutorando pela Universidade Federal Fluminense (bolsa CAPES); pesquisador do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS). E-mail: <aleszanella@gmail.com>.

² Doutora, professora adjunta da Universidade Federal Fluminense, bolsista produtividade CNPq. E-mail: <vanisegm@yahoo.com.br>.

I. Escritos sob escritos

As notas de pé de página têm uma longa origem no discurso historiográfico, conforme Grafton (1998); e várias são as suas funções: conferir autoridade, atestar, servir de prova ao que se diz, convencer, indicar fontes, entre outras. Elas podem ainda subverter, ser sarcásticas e maliciosas, omitir, e, assim, instaurar debates com outros autores bem como desdizer outras fontes. Podem, pois, ser polêmicas ou mesmo falsas no discurso historiográfico. E no discurso literário? Ainda conforme Grafton, lemos que elas se fazem presentes no romance no século XIX, como forma de atestação da narrativa³. Mas não somente, diremos, lançando mão de um romance do século XX: *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig, de 1976.⁴ Neste romance nos deparamos com duas ordens de notas: oito longas que trazem discursos sobre a (homo)sexualidade e uma única, também longa, que nos faz saber de uma narrativa interdita no texto. E, assim, elas vão tecendo várias teias: da sexualidade, que enreda homossexual e heterossexual; da narrativa, que liberta da cela os personagens nela aprisionados; da ditadura, que os imobiliza. São notas de rodapé que se abrem a partir da fala de três personagens – do homossexual, do heterossexual e do diretor do presídio –, fiando outras narrativas, paralelas, que se entrelaçam às narrativas que compõem o romance. Em linhas gerais, *O beijo da mulher aranha*, um romance que se consagrou também no cinema, tem como cenário uma cela em que se encontram um intelectual de esquerda, Valentín,

³ A nota de rodapé, conforme Grafton (1998), já desfrutava de popularidade no século XVIII (MEDEIROS, 2017, no prelo).

⁴ Agradecemos à Bruna Ciello, da Universidade Federal de Santa Maria, pelo presente da lembrança deste livro com notas de pé de página pelo autor. Agradecemos, ainda, à Dr.^a Lucília Maria Abrahão e Sousa, da USP-Ribeirão Preto e do Laboratório E-I@dis, pela leitura que trouxe contribuições a este texto, e ao Dr. Paulo Fernando Oliveira dos Santos, por nos esclarecer algumas questões do campo psicanalítico postas neste trabalho.

que nos é apresentado como heterossexual, e um outro preso, Molina, que nos é apresentado como homossexual. Ambos postos no mesmo cubículo por imposição de uma ditadura. Vamos descobrindo-os pelos diálogos tecidos – o romance se estrutura de forma dialógica – e nos surpreendemos com notas de rodapé indicadas no corpo do texto por asterisco. São marcas sobre falas e silêncio...

Este artigo, que nos enreda nas teias das notas, se organiza em oito partes, cada uma delas decorrente de enunciados que tecem as notas⁵. São eles que intitulam as partes de nossa escritura – *notas de uma partitura narrativa...* – e que nos dão uma dentre outras direções de leitura. Alguns foram os caminhos de leitura que este livro nos incitou; por exemplo, o da narrativa, desconsiderando que haja notas, o das notas, desconsiderando a narrativa de onde elas nascem, e o do batimento narrativa e notas de rodapé. É este que decidimos aqui percorrer sem, contudo, poder esgotá-lo.

1. – (...) *Acho que para te compreender preciso saber o que acontece com você. Se estamos nesta cela juntos, é melhor a gente se compreender, e eu sei muito pouco sobre pessoas com tuas inclinações.*

Este enunciado de Valentín abre-se para uma nota de pé de página a partir do significante *inclinações*. Somos então pela primeira vez atingidos pela força da nota em *O beijo da mulher aranha*. Neste

⁵ Embora sejam nove as notas de rodapé em *O beijo da mulher aranha*, nos dedicamos a oito delas, isto é, àquelas em que se encontram discursos sobre (homo)sexualidade. Deixamos para um trabalho futuro a nota que se abre para a narrativa de um filme propagandístico da Alemanha nazista. Não podemos, contudo, não assinalar que tal nota tem um movimento singular: um filme é interrompido no corpo da narrativa, mas segue no rodapé por sete páginas, e termina aí do seguinte modo: “Sua França lhe parece inegavelmente negróide e judia. (Continua).” (p. 78). E continua, de fato, no corpo do texto, mais adiante, ou melhor, após a nota. Como um já-sabido, mas ali não-narrado. Um já-sabido que impele o leitor a voltar para a nota e lê-la, sob risco de não partilhar o filme narrado no silêncio do texto.

livro de Puig, margeia-se a dialogia da narrativa para seguir dizendo, no rodapé, sobre a homossexualidade, enlaçando o significante *inclinações* na teia da memória sobre ele, para um *dizer a mais* que só (pode) comparece(r) ao pé da página.

A palavra *inclinações* se desdobra, pois, para uma apresentação, e consequente refutação, de três “teorias sobre a origem física do homossexualismo⁶” (p. 53) a partir do pesquisador inglês D. J. West. A primeira classifica a homossexualidade como “comportamento sexual anormal” vinculando-a a um suposto desequilíbrio hormonal, que não se confirma, uma vez que, segundo o estudo que nos é apresentado, não há diferenças hormonais entre homossexuais e heterossexuais. Conclui-se, então, que não se trata de uma questão endócrina. A segunda teoria de West deriva, como lemos na nota, do fato de se ter atribuído a homossexualidade, uma vez afastada a hipótese hormonal, a uma forma de “intersexualismo” (p. 55), aí entendida como sinônimo de hermafroditismo. Consoante o que nos é apresentado de West, mas também de T. Lang, outro pesquisador citado nas notas, a homossexualidade⁷ teria uma causa física na qual os homossexuais masculinos, por exemplo, seriam mulheres que teriam sofrido uma inversão sexual. Essa teoria é refutada, uma vez observado que “99 por cento” (p. 56) dos homossexuais não tinham

⁶ É preciso esclarecer que o termo *homossexualismo* só comparece na tradução brasileira (Editora Codecri, 1980). No original em espanhol a palavra utilizada é *homossexualidad*. Nesse sentido, optamos, quando não se tratar de citação da nota da edição brasileira, pelo uso do significante *homossexualidade*.

⁷ Interessante observar, ainda em relação à nota anterior, que no estudo de Lang apresentado, o nome que consta é *Estudos sobre a determinação genética da homossexualidade*; o significante aqui materializado, *homossexualidade*, entra em batimento com o que a tradutora brasileira lança mão, *homossexualismo*, acenando para uma tensão na língua portuguesa que se inscreve a partir de uma disputa ideológica. Vale dizermos que *O beijo da mulher aranha* é de 1976, época em que floresciam os movimentos de libertação gay nos Estados Unidos. Conforme a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a Associação Americana de Psicologia (APA, em inglês) removeu *homossexualismo* da lista de doenças mentais em 1973. A partir de então, deu-se lugar ao termo *homossexualidade*, determinando uma tensão na e da língua (cf. ZANELLA, 2017).

diferenças físicas em relação aos heterossexuais, e contrastada com outras que vão sendo solicitadas na urdidura da nota; uma delas diz que os intersexuais não eram bissexuais apenas por sua definição biológica: “Os desejos do intersexual se adaptam aos do sexo no qual foi educado” (p. 56), lemos na nota. Depreende-se, portanto, que não se trata de uma questão física. Aliás, com esta segunda teoria observa-se um primeiro deslocamento para o social, ao dizer de educação, que, contudo, não desfaz o lugar da doença: a homossexualidade permanece como um “condicionamento psicológico” (p. 56) e como instância comportamental. Voltando às três teorias de West, a terceira delas sustenta o fator hereditário, e é igualmente refutada devido à falta de comprovações.

Talvez possamos dizer que, com esta primeira nota, convoca-se um leitor leigo (tal como Valentín que pergunta) a um lugar de saber sobre a homossexualidade. Com esta primeira longa nota, que se deixa correr em quatro páginas, resgatam-se três vertentes teóricas que situam na causalidade física a homossexualidade e mostra-se com o mesmo vigor como elas não se sustentam. Com efeito, a relação que se constrói a partir da palavra *inclinações* entrelaça uma narrativa outra, que põe em xeque o efeito de sentido que aquele significante produz na obra, dizendo, num *(sub)escrito*, que não se trata de *inclinação*. Abre-se, pois, para uma outra tessitura, que prossegue...

2. – *Eu gostaria muito agora que você me contasse um [filme]. Um que eu não tenha visto.*

Molina, sherazadeanamente, narra filmes a que assistiu e que o comoveram de alguma forma. Neste trecho, no entanto, é Molina

quem solicita a Valentín que lhe conte um filme que tivesse visto. Mas este se nega. A nota de pé de página que decorre deste enunciado, à semelhança da nota anterior, sinaliza para algo que não pode estar no corpo do texto, mas que também não pode deixar de estar... em nota. Algo que é preciso dizer, mas num lugar outro, nas bordas que circundam o dizer como um dizer outro do qual não se escapa. A nota impõe um intervalo na narrativa: um tempo outro, para dizeres outros.

A longa nota de rodapé que se desdobra aí segue o percurso sobre as supostas causas da homossexualidade. Refere-se às já comentadas teorias sobre uma possível origem física da homossexualidade e avança trazendo “interpretações não científicas” (p. 86). Volta-se ao teórico D. J. West para mostrar como este havia considerado a visão da Igreja sobre a homossexualidade como algo mais progressista do que teorias – ele, todavia, não as especifica – que diziam dela como algo antinatural. Para a Igreja, a homossexualidade seria um impulso maligno, mas natural. E recuperam-se três teorias não científicas. A primeira, da perversão⁸, propõe que a homossexualidade é algo que pode ser adotado como um vício, tese que o narrador desmente ao apontar que o erro reside em que, enquanto um vício pode ser *escolhido*, a homossexualidade não pode: “o homossexual não pode desenvolver um comportamento sexual normal embora se proponha a isso” (p. 86). Não se trata, pois, de escolha. Mas, ao homossexual, ainda que não caiba o vício, cabe a anormalidade. O homossexual é aquele que desvia; aquele que é interditado na instância de decidir sobre o seu desejo.

Uma outra observação importante é que se fala, pela primeira vez, em “desejo homossexual” (p. 86). Isso permite vislumbrar no

⁸ Não é nosso objetivo neste artigo discutir teorias e conceitos postos em rodapé. Perseguimos o gesto de enredamento do corte da narrativa com as notas.

dizer do narrador a tensão dos sentidos sobre a homossexualidade que pululam; ele tricota vários discursos que dão a saber da homossexualidade. Aqui, diferentemente, o homossexual é posto na posição de quem endereça seu desejo a um outro.

Outras duas teorias indicadas como não científicas que compõem nesta nota de rodapé são as da sedução e da segregação. A primeira, consoante T. Gibbons, é refutada: a ‘sedução’ não parece ser o que ‘torna’ alguém homossexual já que um indivíduo que tenha sido ‘seduzido’ a ter relações homossexuais não resulta em impedimento de desejos heterossexuais. Por sua vez, a segunda teoria, da segregação, diz que um indivíduo que fosse privado do contato com pessoas de outro sexo (tal como alguém mantido em um internato) teria sua prática sexual afixada apenas com pessoas do mesmo sexo. Esta teoria também é contestada, afirmando-se tratar mais de uma “necessidade de uma descarga sexual” do que de uma “escolha do objeto amoroso” (p. 86-7).

Feitas as refutações, o narrador convoca a Psicanálise freudiana, acenando para o conceito de libido e para um lugar distinto em relação à sexualidade, isto é, acenando para uma posição na qual dizer da homossexualidade não é mais dizer de algo da ordem do natural ou do biológico. Adentramos um terreno outro para dela poder vir a saber: do terreno do construído, do ensinado, do aprendido. Com base em Freud, o narrador diz de duas “manifestações mais inconvenientes da libido” (p. 87): a do incesto e a da homossexualidade. Aí o fio da teia desta nota é cortado...

3. – *Cala a boca, já a encontrei [a toalha], acha que eu sou tão tola?*

...e é religado em outro que corta o enunciado acima; a teia da

narrativa se entremeia à teia das notas outra vez. Esta nota de pé de página que irrompe da fala no feminino de Molina recai sobre a sexualidade ainda pela via da Psicanálise. Com ela, começa-se a se acentuar para a repressão⁹ – necessária, segundo o narrador, para a vida em sociedade – e para a heterossexualidade como um “ideal proposto” (p. 113), ou seja, algo produzido historicamente em uma determinada formação social numa certa conjuntura; não natural, portanto.

Avança-se pela via da Psicanálise (com Anna Freud) numa discussão a respeito da libido desde a infância, contestando as posições anteriores sobre a homossexualidade como algo fruto de vício, de sedução, de segregação, de impulso maligno, entre outras inscrições que proscrevem a homossexualidade. O lugar de onde Anna Freud enuncia propõe que a sexualidade se manifesta desde que a criança “tem vida” (p. 113); mas as manifestações libidinais são desde cedo castigadas e tolhidas em nossa cultura ocidental.

Traz-se a posição dos freudianos – ortodoxos e dissidentes – que concordam em dizer que “as primeiras manifestações da libido infantil são de caráter bissexual” (p. 113). No tocante à sexualidade, o que vamos vislumbrando é a emergência de um sujeito que entra no campo das pulsões a partir do momento em que vem ao mundo e,

⁹ Este significante é matéria de contestação no campo da Psicanálise. O termo em alemão do qual deriva, *Verdrängung*, sustenta, como efeitos de sentidos, tanto *recalque*, como *repressão*. Conforme Hanns (1996, p. 355), em seu *Dicionário comentado do alemão de Freud*, “Conotativamente, *verdrängen* remete a uma sensação de ‘sufoco’, ‘incômodo’, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda. Contudo, apesar de ter sido afastado, tal material permanece junto ao sujeito, pressionando pelo retorno e exigindo a mobilização de esforço para mantê-lo longe.” Em relação especificamente ao termo em português, Hanns esclarece que o significante *repressão* produz sentidos outros para além daqueles de *Verdrängung*, como os de “impedir outrem de se manifestar”, “impedir sentimentos de se manifestarem” e “oprimir, suprimir por autocontrole algo ameaçador” (p. 359). O autor aponta que o emprego do termo *repressão* em relação às supressões de rebeliões e movimentos de rua assumiu um sentido político, o que não ocorre em alemão. Na Psicanálise, *Verdrängung* estaria mais ao lado de “desloca[r] do foco da consciência”, deslocamento este que “permanece junto ao sujeito e exerce pressão perene pelo retorno” (p. 359). Estaria, portanto, mais no campo do *recalque*.

daí, pode vir a desejar.

No entanto, o narrador das notas não nos deixa num lugar confortável: ao mesmo tempo em que assinala o desejo, nos dá a saber de uma formulação psicanalítica que aponta o desenlace (do sujeito neurótico) do Complexo de Édipo: no caso de uma não resolução do conflito é que o sujeito vem a ser impotente ou gay, no que tange aos homens, ou frígido ou lésbico, no que se refere às mulheres. Outra vez, a homossexualidade é posta num lugar de um desvio, ou de algo não resolvido¹⁰. Mas as notas não terminam aqui...

4. – *É lindo.*

Uma teia não se faz sem volteios, sem bordaduras várias... Com o enunciado *É lindo*, a nota se borda sobre o canto, sobre a melodia: um bolero com que Molina pontua a fala de Valentín; fala tecida num diálogo em que medo da morte e lembranças de um amor se enlaçam. Morte e amor. Valentín está doente com a comida da prisão; Molina dele cuida e o escuta no pouco que o militante pode dizer. Motivo de riso antes, o bolero agora é demanda de Valentín, que aprecia (*Nada mal mesmo.*), e razão da exclamação que se marca no adjetivo (*É lindo.*) por Molina.

São muitas as referências, as fontes, as teorias, as explicações, as refutações, os impasses, os caminhos nas notas ricas e longas – nenhuma se fecha em tão somente uma página. Elas se desdobram

¹⁰ É preciso, aqui, considerar que se trata de uma formulação de Freud que, por sua vez, foi reformulada várias vezes. Se é certo que, numa determinada conjuntura, Freud assim o disse, é também certo que, ao longo do desenvolvimento da teoria psicanalítica, muitas de suas posições foram deslocadas. Esta, especificamente, muda com o avanço dos estudos sobre o Complexo de Édipo. A homossexualidade deixa de ser considerada como desvio: ela é apenas uma das resoluções do Édipo, tal qual quaisquer outras. Não iremos nos aprofundar neste ponto, tendo em vista que não é possível, aqui, irmos às condições de produção e apontar o estatuto da Psicanálise na Argentina dos anos 1970; entretanto, é importante levarmos em conta que o que é posto em nota de rodapé assinala uma conjuntura e uma leitura que se faz de Freud.

em outras nos fazendo ir adiante, se a seguimos, e nos fazendo voltar, para recuperar a narrativa outra que o texto vai fiando. Idas e vindas, volteios da teia. Volteios também sobre a homossexualidade com as notas. Agora a partir da exclamação: *É lindo*. Com ela, o convite ao intervalo da leitura outra, no rodapé, que segue nos caminhos da Psicanálise para dizer da homossexualidade. *É lindo* nos joga na nota que se abre no canto e que começa a falar de *orientação sexual*, a partir de Fenichel. Não se trata mais agora de *inclinação*; o deslocamento para *orientação* acena para posições outras acerca da (homo)sexualidade.

Com Fenichel, entram em cena a figura do pai e a questão da identificação, e Freud é convocado. A teia vai ficando cada vez mais densa, o que nos impede, aqui, de trazer todos os argumentos e refutações. Além das exposições de Fenichel, duas são as obras de Freud resgatadas (*Da transformação dos instintos* e *Introdução ao Narcisismo*) e com elas dois dos mitos de que lança mão para explicar a homossexualidade: de Édipo e de Narciso. Nas refutações a Freud, encontramos pela primeira vez Marcuse – outro lugar de fala, da sociologia e filosofia – bem como a ampliação de Freud em uma terceira obra, *Caráter e erotismo*, para nova contestação a Freud, agora por West.

Nesta nota ainda nos deparamos com a busca da causalidade da homossexualidade (no sentido de tentar compreender a origem da homossexualidade, o que, ousamos acrescentar, não se faz em relação à heterossexualidade), por exemplo, na figura do “herói adulto”, “na mãe que o amou” ou que “ele desejaria que o tivesse amado” (p. 122-121). E lemos ainda a homossexualidade como um *a menos*, já que aí, com Freud, ela é presa “à fixação na fase anal, sem

possibilidade de chegar à fase final, ou seja genital” (p. 122).¹¹

No entanto, é nesta nota que começa a se falar do *desejo difuso*: “o começo da libido nos bebês é de caráter predominantemente difuso” (p. 121). E é nesta nota ainda que, com West, lemos que a sodomia não é exclusiva do homossexual. Amor e morte no diálogo que se fecha no canto. Desejo difuso que equivoca *É lindo*. Preservação de vida e pulsão de morte... As notas não fecham nem se esgotam; ao contrário, abrem veredas que, aqui, não podemos seguir.

5. – *Você está subestimando a capacidade de nossos peritos. Eles saberão o momento de parar ou de prosseguir. Meça suas palavras, companheiro.*

Um enunciado do diretor do presídio. Molina é chamado ao seu gabinete e ficamos sabendo que ele foi posto na cela para colher informações de Valentín. O duro diálogo com o diretor nos faz acompanhar a difícil e tensa posição do personagem homossexual. É após uma fala em que tenta argumentar com o diretor que (h)ouve o enunciado. E com ele se abre a nota que nos joga no conceito de *repressão* em Freud. Leiamos um pouco como ela se inicia para observar a teia que ata narrativa e rodapé:

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud assina-la que a repressão, em termos gerais, provém da imposição do domínio de um indivíduo sobre outros, sendo esse primeiro indivíduo não outro que o pai. A partir de tal domínio é que se estabelece a forma patriarcal da sociedade, baseada na inferioridade da mulher e na forte repressão da sexualidade. (p. 131).

¹¹ Estamos, neste artigo, nos atendo às notas, ou seja, não é o caso aqui cotejar o que se traz com a obra de Freud, tampouco ir em busca das reformulações feitas por ele.

Traz-se, então, a partir daí, a tese de Freud, que relaciona a autoridade patriarcal à ascensão do monoteísmo no Ocidente, para pensar a repressão sexual. Repressão: um significante que enlaça, pois, sociedade e sexualidade. Repressão na sociedade: *Meça suas palavras*. Repressão sexual: *Meça seu desejo*. Sob a narrativa, notas que denunciam os (não) ditos (in)sabidos sobre a (homo)sexualidade; sob as palavras, outras (não) ditas que (d)enunciam a (homo)sexualidade.

Esta nota, que se articula em torno da questão da repressão, recupera não apenas pensadores da psicanálise. Além de Freud, tem-se Otto Rank, que fala da dominação paterna “cujo objetivo é a exclusão da mulher” (p. 132), o antropólogo Rattray Taylor, que situa a repressão da sexualidade a partir do século IV antes de Cristo com a “vitória do conceito hebreu, mais repressivo do sexo, sobre o conceito grego” (p. 132), Altman, que mostra como as repressões na sociedade judaico-cristã vão se associando em três eixos – na relação entre pecado e culpa, entre família e procriação, e na rejeição a qualquer sexualidade que não seja genital –, Reich, com a questão do orgasmo perfeito, novamente Marcuse, com a libertação sexual, em seu *Eros e civilização*, e Norman Brown, a este alinhado.

No rodapé anterior, fomos postos diante do *desejo difuso*. Aqui, com Freud, vamos sabendo da “natureza essencialmente bissexual do nosso impulso sexual original” (p. 132) e de uma trajetória repressora no pensamento ocidental que resulta na interdição de qualquer forma de sexualidade que não seja a genital heterossexual. Se na nota encontramos a posição de Reich, hostil à homossexualidade (na medida em que compreende o orgasmo perfeito como “acoplamento genital heterossexual”, p. 133), vemos em seguida, em extensa argumentação a partir de Marcuse, a denúncia da moralidade

que se inscreve na noção de natureza humana para impedir outras formas de sexualidade: “a natureza humana é tão-somente o que dela resultou depois de séculos de repressão” (p. 133). A natureza humana não é, pois, natural. Se a nota se inicia com a questão da repressão, se fecha sinalizando a liberdade. Sigamos na teia...

6. – *Não pensa, que piora as coisas.*

Conforme a narrativa avança, Valentín vai sofrendo os efeitos da comida envenenada que lhe é dada no presídio: tonturas, dores de estômago, diarreias. Efeitos da repressão que afeta o corpo do sujeito... E somos atingidos pelo enunciado acima, de Molina: *Não pensa, que piora as coisas.*

A interpelação que a nota de pé de página aí coloca amarra na teia dos sentidos um outro fio: o da sublimação. Ela vem como contrapartida da repressão, uma vez que com a sublimação se entende, pela via freudiana, como nos diz o narrador, uma “operação mental através da qual se canalizam os impulsos libidinosos inconvenientes” (p. 143). Em outros termos, sublimar é direcionar uma energia sexual para outras atividades (intelectuais, artísticas...). É a saúde que está em jogo. É o corpo que está doente. É preciso *não pensar* para sobreviver à tortura da ditadura. Para sobreviver à tortura no corpo, que aí desliza... e nos faz ler: é preciso sobreviver ao desejo, à tortura do desejo.

O conceito de sublimação apresentado, entretanto, não paira apenas sobre Freud. Como nas notas de rodapé anteriores, os nós da teia vão se espessando com o confronto teórico que é disposto. Comparecem, à vista disso, outras posições, como a de Horman O. Brown, que propõe uma eliminação da repressão, e a de Marcuse,

que introduz o conceito de *mais-repressão* (*surplus repression*). Este último designaria “aquela parte da repressão sexual criada para manter o poderio da classe dominante, apesar de não ser imprescindível para manter uma sociedade organizada [...]” (p. 143). Isto significa que, para Marcuse, a necessária mudança da/na sociedade deveria considerar “impulsos sexuais originais” (ibid.). Nesse sentido, o autor dá como exemplo de *mais-repressão* a “concentração total” dada à cópula genital e “a repressão do olfato e o sabor na vida sexual” (p. 144). Além destes autores, o narrador ainda passeia entre outros teóricos: Dennis Altman fala, a partir de Marcuse, sobre uma libertação que, além de livre da repressão, deveria ainda permitir a realização do desejo. Com este autor, vemos como há um distanciamento ainda maior de uma consideração da sexualidade como algo natural ou instintivo, já que para ele se trata de algo *aprendido*. Nessa direção, comparece também uma teórica feminina, Kate Millet, que escreveu sobre uma revolução sexual que pudesse ser “não corrompida pelas bases econômicas exploradoras das alianças sexuais tradicionais, ou seja, o casamento” (p. 144).

Nos volteios da teia, retornamos, ainda na mesma longa nota de pé de página, a Marcuse, para sermos levados a saber da *erotização da personalidade*, isto é, uma proposta de transformação da sexualidade que transbordasse a hegemonia do genital para outros pontos libidinais, contrapondo-se à moralidade civil que interdita, como tabu, a utilização do corpo como objeto; para Marcuse, o corpo é objeto e instrumento de prazer¹². Na contramão dessas posições mais progressistas, o narrador fia um outro nó com a posição de J. C. Unwin, que fala que a liberdade sexual – para ele: relações pré-

¹² Não muito se diz sobre o feminino nas notas, o que fica para trabalho futuro. Aqui, de Marcuse, no entanto, o corpo das prostitutas é recuperado fazendo parceria ao corpo dos “pervertidos” e “degenerados” (p. 145) para dizer do prazer, à margem.

nupciais, extraconjugais e homossexuais – leva à decadência social. Portanto, fortalece a necessidade da repressão sexual, apesar de reconhecer, paradoxalmente, que “sociedades estritamente monogâmicas e altamente repressivas não conseguem sobreviver muito tempo” (p. 145).

O narrador nos guia no tenso batimento de posições teóricas posto em nota para mostrar a tensão que também percorre a narrativa. Tensão que se lê no par repressão e liberdade, que comparecem e se contrapõem em sentidos diversos...

7. – ...

Uma nota inusitada, ao menos quando se supõe que as notas se façam sobre palavras, enunciados, expressões. Uma nota sobre reticências. São muitos, como se sabe, os sentidos das reticências: aquiescência, discordância, suspensão do dizer, continuidade de um dizer que se supõe partilhar. Aqui, elas marcam um silêncio no diálogo entre Valentín e Molina. Uma nota inaudita: uma nota sobre o silêncio. Silêncio de Molina.

Reticências e silêncio não se fazem sobre o vazio, como sabemos com a Análise de Discurso¹³. Se silêncio é condição do dizer, se o silêncio habita palavras, se é pleno de significância, se é da ordem do imaginário, por outro lado, pode ser produto do silenciamento, da censura (ORLANDI, 1997). Impedimento do dizer. Indo adiante, impedimento do ser.

Na cela, Molina segue cuidando de Valentín: *Mas rapaz, deixa*

¹³ É preciso dizer que estamos promovendo uma leitura de base discursiva. Como se sabe, a Análise de Discurso é atravessada pela Psicanálise; entretanto, as noções e os conceitos não são os mesmos nem significam do mesmo modo destes dois campos. Isto para sublinhar que a noção do silêncio da Análise de Discurso (ORLANDI, 1997), de que nos valem, é distinta na Psicanálise.

eu te mimar um pouco... Irrompe a explosão do militante: Basta!... porra!!! (p. 167). E deixamos de ouvir Molina. Por Valentín sabemos do fogareiro quase quebrado, do querosene perdido, da dificuldade de se poder cozinhar na cela, o que os salva da comida envenenada do presídio. Por Valentín, sabemos da violência da explosão. Valentín pede desculpas e Molina responde, comedidamente. Valentín insiste e pede perdão. Mais um silêncio aos já vários silêncios por Molina. Sobre o silêncio, o corte da nota que sobre tal silêncio se dobra fazendo nele se ouvir sentidos outros sobre a (homo)sexualidade. A teia perfaz mais um giro: agora sobre o nó da rejeição, da censura ao outro, da impossibilidade de suportar o outro (no que ele diz/mostra de si?, nos indagamos): “Os homossexuais são objeto de uma rejeição, por parte das pessoas, consideravelmente maior que os alcólatras, jogadores compulsivos, ex-presidiários e ex-doentes mentais.” (p. 169).

Na rejeição, somos postos diante da força, do poder da sexualidade e do incômodo que ela traz¹⁴. Não se trata mais de *Meça seu desejo*, da repressão, que vimos anteriormente, mas de *Cale seu desejo*, da rejeição. Diante da violência da rejeição, a nota convoca a resposta, entre outros, de Freud, em sua *Carta a uma mãe norte-americana*, para sublinhar que a homossexualidade não é vergonha, “não é vício”, “não é degradação”, “não é sequer uma doença” (p. 169), e a densa argumentação, com Altman e Marcuse, que problematizam a heterossexualidade como parâmetro de normalidade. Se a nota nos mostra a rejeição aos homossexuais, ela nos faz compreen-

¹⁴ Segundo Foucault ([1976] 2015), com a ascensão da vida privada burguesa, a sexualidade é encarcerada numa rede de pudores e de silêncios. O casal heterossexual passa a ser lei, e tudo o que escapa a esta norma é encoberto, posto como resto e como anormalidade. E não deve se revelar: “Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação, fá-lo-ão desaparecer [...]. Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar em outro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro.” (ibid., p. 8).

der a estereotipia – aqui denunciada e contestada – dos papéis e comportamentos sexuais masculino e feminino¹⁵. *Mas rapaz, deixa eu te mimar um pouco...* Papéis que vão sendo, seguindo com estes dois autores, apr(e)endidos desde a infância. A sexualidade não é a despeito da sociedade; não é sem a sociedade. E chegamos assim à bissexualidade como “ameaça tanto para as formas aburguesadas de vida homossexual exclusiva como os heterossexuais” (p. 170). Notas que denunciam, notas que desestabilizam, notas que resistem; notas que interpelam e subvertem...

8. – *Até logo.*

O fragmento que antecede este enunciado nos dá a saber sobre a libertação de Molina da prisão e o momento em que ele traz a notícia, após encontro com o diretor do presídio, para Valentín. O militante, ao saber, perde a fome; já estava tocado pela presença de Molina, que o ouvia, que dele cuidava quando a comida envenenada fazia mal e o impedia de comer, que narrava histórias à noite que o tiravam por alguns momentos da cena da cadeia. Neste momento, o fastio vinha da possibilidade da ausência de Molina. Valentín pede para descansar, ao que Molina responde: *Até logo.*

Este enunciado abre para a nota de rodapé que revolve à trama outra que se acolchoa nas notas. Volta-se a uma discussão sobre a libido e sobre a sublimação, e se avança, baseado em Fenichel, em relação às identidades sexuais que são impostas: ao menino, o pai como modelo; à menina, a mãe. A questão da *orientação* homossexual retorna aqui para afirmar que, quanto mais uma criança se identifica com o progenitor do sexo oposto, maior será a chance de ser

¹⁵ Acerca da questão do que é posto sobre o comportamento homossexual, ver Zanella (2017).

homossexual. Isto é posto, a partir de Fenichel, como algo da ordem do *incomum*, sendo o comum a heterossexualidade. Contudo, marca-se também nessa reflexão que o comum não é o natural, mas o naturalizado socialmente. Novos deslocamentos. As notas não cessam tal movimento.

As correntes teóricas são sinuosas... as notas seguem ziguezagando e se afunilando... Ao mesmo tempo em que as reflexões sobre a homossexualidade ao pé de página vão entrelaçando sentidos e posições outras em relação aos sujeitos homossexuais, o narrador lança mão de uma teórica, Anneli Taube, que diz de uma “atitude imitativa” (p. 180) dos homossexuais que, ainda que assumam sua orientação sexual, a identificação com o sexo oposto resiste e comparece, tal como no homossexual masculino que ocupa uma posição submissa como a da mãe. Em que pesem as distinções teóricas, marca-se como crítica, ao fim da nota, que assim como os heterossexuais adotam modelos burgueses de comportamento, os homossexuais também assim procedem. Ambos não naturais; ambos presos às teias da sociedade.

O narrador então se encaminha para um fechamento da nota, sinalizando que a partir de tantas considerações sobre os homossexuais e sobre a homossexualidade, resta ainda a luta pela (homo)sexualidade. Segundo o autor, os preconceitos levaram os homossexuais à marginalização e consequente organização de movimentos civis de libertação, porque os modelos de identidade (sobretudo à época) eram limitadores. O fecho da nota diz: “A posterior formação de frentes de libertação homossexual seria prova disso” (p. 180). Prova dos impedimentos, prova da resistência, prova da libertação...

É de volta à narrativa que seguimos para dizer dos desdobra-

mentos da nota, dos efeitos de sentidos do enunciado. O *Até logo* que nos leva ao descanso de Valentín, que nos leva à nota e que nos traz de volta à narrativa amarra um nó. Em *nota*, vale dizer, há *nó*, pontos de amarra e de sustentação da teia. Este nó acena para a libertação da sexualidade. O *até logo* torna-se, então, *até breve*, como aposta de mudança. Molina e Valentín transam na escuridão da cela que os aprisiona. Valentín toca Molina e cede ao toque de Molina – *Posso te tocar assim?* –, a quem chama agora carinhosamente de *Molinita*.¹⁶ A teia da nota se entrecruza com a da narrativa acenando e encenando um *Até logo*, um *até breve* para a(s) sexualidade(s).

II. Amarrando alguns fios ou o que fica por dizer

Do muito que se leu nas notas e na trama, muito fica por dizer. Com as polêmicas das notas, instados como leitores leigos, aprendemos que a homossexualidade não é *inclinação*, que uma suposta causalidade não teria origens físicas, hormonais. Que não se trata sequer de causalidade; que não se trata de vício, pecado, perversão. Que ela tem história de prescrições e proscricções. Que a sociedade instaura margens para a sexualidade, delimitando o que seria hétero – e instituindo como norma – e o que seria homo – como sua contrapartida e não norma. Que tal dualidade (homo/hétero) não dá conta da sexualidade. Que a sexualidade é desejo, daí *orientação*. Que a sociedade reprime, repele, rejeita, interdita a (homo)sexualidade, por ser desejo. Mas que ela resiste, ainda que sublimada. Que ela é objeto de controle; que ela é tortura e prazer. Que ela é possível. E, sobretudo, que ela permanece em seu vigor (des)estruturante de desejo.

¹⁶ Molina, pouco depois na narrativa, sai da prisão. Não iremos nos ater ao desenvolvimento da narrativa, mas achamos importante assinalar que Molina e Valentín voltam a vivenciar suas sexualidades.

Talvez possamos agora dizer que as notas de rodapé em *O beijo da mulher aranha* não são prescindíveis. O romance delas não abre mão; não são nem apêndices, nem excesso. Fazem parte da narrativa no jogo ilusório de um discurso-outro à parte. Elas pontuam a narrativa; elas partem de um silêncio¹⁷ no dizer da (homo)sexualidade; elas põem em suspensão dizeres sobre a (homo)sexualidade. E elas fazem retornar ao texto de um outro lugar. *Nas tramas da teia, a bela surpresa das notas...*

A narrativa se fecha numa derradeira teia: um sonho/delírio que enlaça Valentín e Molina. Nele, ouvimos suas vozes, seus medos, seus desejos e suas esperanças. *Este sonho é curto mas é feliz...*

Referências

FOUCAULT, Michel. (1976). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas: Papyrus, 1998.

HANNS, Luiz Alberto. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MEDEIROS, Vanise. “Na urdidura das notas de rodapé, arquivos da língua”. 2017. No prelo.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1990). *Terra à vista – discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*, Campinas: UNICAMP, 4ª. edição, 1997.

¹⁷ Estamos recuperando algumas das reflexões de Orlandi em *Terra à vista* ([1990] 2008).

PUIG, Manuel. *El beso de la mujer araña*. Barcelona: Seix Barral, 1976.

PUIG, Manuel. *O beijo da mulher aranha*. Trad. Glória Rodríguez. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

ZANELLA, Alexandre da Silva. *Espaços atravessados: sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade*. 2017. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense – Niterói, RJ: 2017.

Recebido em 21/02/2017

Aceito em 29/03/2017